

IPCA muda humor do mercado e abre espaço para redução de prêmios de risco

Juros futuros e Ibovespa observaram forte descompressão na sexta-feira, após dados de inflação de junho mais brandos

Por **Maria Fernanda Salinet** e **Victor Rezende**, Valor — São Paulo

11/07/2026 08h01 · Atualizado 13/07/2026 07h40

 Presentear matéria



Felipe Guerra, da Legacy Capital, montou posições aplicadas em juros no Brasil — Foto: Anna Carolina Negri/Valor

Após alguns indicadores já apontarem para algum desaquecimento do mercado de trabalho, o **IPCA de junho** selou um viés mais otimista de parte do mercado com o desempenho dos ativos financeiros no Brasil. Os números mais brandos da inflação derrubaram os juros futuros e **abriram espaço para uma recuperação da bolsa brasileira** na sexta-feira após diversas semanas em que investidores exigiram prêmios de risco cada vez maiores dos mercados locais.



Mais importante que o índice “cheio” do IPCA de junho foi a composição favorável, com a inflação de serviços subjacente e a média dos núcleos abaixo das expectativas do mercado. Não por acaso, as taxas futuras caíram cerca de 20 pontos-base em alguns trechos da curva, o que abriu espaço para uma valorização de quase 3% do Ibovespa.

Uma ala do mercado já via espaço para algum abrandamento no viés mais pessimista em torno dos ativos brasileiros que se fortificou em junho e no início deste mês. É o caso da **Legacy Capital**, que abriu posições aplicadas no mercado local de juros, ou seja, passou a apostar na queda das taxas futuras, na esteira de um viés mais positivo para os juros globais, que deve ser capturado pelo mercado local. “O Brasil, nesse contexto global, poderia ‘despremiar’ mais a curva de juros”, avalia o sócio e diretor de investimentos da casa, **Felipe Guerra**.

“O preço também justifica posições aplicadas, dado que o mercado tem pouca queda [de juros precificada] e que tem uma vontade do Banco Central de continuar esse processo”, observa o executivo no “call” mensal da Legacy. Guerra nota, ainda, que dados como produção industrial e Caged têm mostrado uma desaceleração e se somam à melhora recente nos preços do petróleo, o que joga a favor da postura da autoridade monetária.

“Está cada vez mais difícil ver o que faria ele parar o ciclo. O mercado deveria ‘despremiar’ as altas que está vendo no fim do ano e começo do ano que vem”, afirma o gestor. “As variáveis estão indo mais a favor do BC no curto prazo.”

Guerra também afirma que é possível que o Brasil esteja próximo do pico da inflação e da atividade econômica, o que pode, mais à frente, abrir uma janela mais positiva para os juros. “Dados os estímulos que o presidente Lula tem feito para a eleição presidencial de parafiscal e crédito, provavelmente a intensidade disso no terceiro e no quarto trimestres será menor. A atividade tende a ser mais fraca mesmo, o que abre uma perspectiva melhor para os juros”, afirma o executivo, que tem usado a compra de dólar contra o real como “hedge” para as posições no mercado de juros.

A **Vinland Capital** foi outra casa que montou posições aplicadas no mercado doméstico de juros. No “call” mensal, a gestora de renda fixa **Raphaela Spielberg** aponta que a queda dos preços do petróleo no mercado internacional ajudou no retorno do apetite por risco nos mercados, o que se refletiu na dinâmica doméstica.



Raphaela Spielberg, da Vinland Capital, revela ter posições aplicadas em juros de curto prazo no Brasil — Foto: Nilani Goettems/Valor

“No Brasil, tivemos ajuda da queda dos preços das commodities, uma moderação marginal nos dados de atividade e uma preferência revelada do BC de continuar cortando [os juros] se tiver uma janela. Isso acaba consolidando pelo menos mais um corte [na Selic] na próxima reunião”, afirma Spielberg, ao apontar que a Vinland começou o segundo semestre com posições aplicadas na ponta curta da curva de juros brasileira.

A sessão de ontem também foi intensa nas opções digitais de Copom, em que ganhou espaço, de fato, a percepção de que a taxa básica de juros pode, até mesmo, ficar abaixo do nível simbolicamente importante de 14%.

Para a reunião de agosto, ganhou fôlego adicional a probabilidade de um corte de 0,25 ponto na Selic, que subiu a 83%. Já em relação ao encontro de setembro do Copom, a chance de uma nova redução de 0,25 ponto avançou a 53% e a possibilidade de um corte mais agressivo, de 0,5 ponto, chegou a 7%.

Entre casas importantes no mercado, o **Bank of America** revisou ainda ontem o cenário projetado para a política monetária e passou a incluir mais um corte de 0,25 ponto na Selic, em agosto. Antes, a expectativa do banco era de que o BC pausaria o ciclo e deixaria o juro básico em 14,25% ao menos até o fim deste ano.

Mais do que a sequência de dados macroeconômicos benignos, como os de inflação e mercado de trabalho, a queda de quase 20 pontos-base nos juros futuros reflete a comunicação do BC, avalia o diretor de investimentos (CIO) da **Monte Bravo Investimentos, Guilherme Loureiro**. “Obviamente, uma queda mais rápida da inflação abre espaço para juros menores, mas um dado isolado não muda a visão como um todo. O que faz diferença é a sequência de indicadores”, afirma o executivo. “Hoje [ontem], o mercado está operando a comunicação do BC.”



Guilherme Loureiro, da Monte Bravo: queda mais rápida da inflação abre espaço para juros menores, mas um dado isolado não muda a visão como um todo — Foto: Nilani Goettems/Valor

Loureiro ressalta, no entanto, que ainda há riscos capazes de alterar a trajetória dos juros mais à frente, como a evolução dos preços do petróleo, as incertezas em relação ao câmbio e o comportamento das expectativas de inflação. “Confirmando uma inflação em torno de 4%, esse é um cenário compatível com juros menores. Se ela ficar acima disso, o BC precisará adotar uma postura mais cautelosa”, afirma.

Na visão do executivo, uma parte relevante da avaliação sobre a desaceleração da inflação passa pelo cenário fiscal e pelas eleições. “Se não houver clareza sobre o cenário fiscal pós-eleição, fica difícil enxergar uma queda consistente dos juros”, enfatiza. Não por acaso, Loureiro considera prematuro precificar um ciclo mais intenso de cortes da Selic. Para ele, o mercado deve continuar calibrando as expectativas reunião a reunião, conforme a evolução da inflação corrente e das expectativas inflacionárias de médio prazo.

“Muito provavelmente o juro vai para 14%, mas justificar um número muito abaixo disso de antemão eu acho um pouco prematuro. É fazer reunião a reunião. Se a desinflação continuar e as expectativas melhorarem, abre espaço para mais reduções. Caso contrário, os 14% ficam mais compatíveis com o balanço de riscos”, completa.

Avaliação semelhante é adotada por **Rogério Braga**, gestor dos fundos multimercados da **Quantitas**, para quem o IPCA de junho reforçou uma sequência de indicadores mais favoráveis para a inflação, o que ajuda a ampliar a aposta na continuidade do ciclo de calibração monetária.



Rogério Braga, da Quantitas: mercado já incorporou novo corte na Selic nos preços e segunda redução consecutiva começa a ganhar força — Foto: Neco Varella/Valor

O executivo avalia que o mercado já incorporou isso aos preços e acredita, agora, que um segundo corte consecutivo, de fato, começa a ganhar força, embora ressalte que isso dependeria da evolução da política monetária nos Estados Unidos, onde a chance de um aperto nos juros neste ano segue relevante.

Braga pondera, no entanto, que ainda é cedo para definir a extensão do ciclo de afrouxamento monetário. Assim, a combinação de atividade mais fraca e sinais mais benignos da inflação aumenta a probabilidade de novos cortes, mas a continuidade do movimento dependerá da evolução dos dados econômicos. "É difícil cravar agora que o Banco Central não vai cortar mais do que isso. O ciclo, ainda que com riscos, fica em aberto quanto à sua extensão."